

A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Mestre. Cleuza Martins de Carvalho – UFAC – Campus Cruzeiro do Sul

Resumo:

Nosso estudo busca confrontar olhares distintos, mas tendo em comum o mito da memória. Diferenças e aproximações têm como intersecção as diversas faces de Mnemosina: fazer-se lembrar, fazer pensar, lembrar-se de, e todos os desdobramentos desse mito tão marcante e representativo para as diversas poéticas de língua portuguesa. Os autores em evidência são: José Cândido de Carvalho, António Lobo Antunes e José Eduardo Agualusa.

Palavras-chave: *identidade, memória, poética, diferenças, semelhanças.*

O presente estudo busca evidenciar nas literaturas de língua portuguesa as marcas identitárias construídas como auto-afirmação das especificidades político-econômicas surgidas no século XX. Elas são a expressão poética de seus autores, mas pela importância que têm representam não só um tempo, um espaço, um povo, mas a cultura que produziu as respectivas literaturas.

Neste estudo são abordados três autores específicos, cujas obras trazem marcas especiais para representar, evidenciar ou por em questão o perfil identitário.

Como num triângulo amoroso, estudaremos as obras e faremos as devidas relações entre elas, observando as especificidades de cada uma e pontuando as diferenças acentuadas, embora sejam escritas na mesma língua. Por outro lado, evidenciar que as diferenças estão voltadas mais a questões político-econômicas do que a qualquer outro fator.

Pelo perfil histórico que têm cada obra, as apresentaremos como uma pirâmide: Portugal no topo e as bases representadas por duas ex-colônias do mesmo – Brasil e Angola. Com isso queremos evidenciar a hegemonia de Portugal sobre os demais países. Mas segundo o resultado das análises esta situação se inverterá e teremos um prisma, desqualificando a metrópole, no entanto, sem qualificar as ex-colônias, no sentido pleno do termo.

Os autores escolhidos são António Lobo Antunes, José Cândido de Carvalho e José Eduardo Agualusa, com as respectivas obras: *Os Cus de Judas*, *O Coronel* e *o Lobisomem* e *O Vendedor de Passados*.

Os Cus de Judas foi publicado em 1979 e refere-se às memórias de um ex-soldado, embora qualificado, um soldado da ditadura portuguesa na resistência dos embates de libertação de Angola.

O Coronel e *o Lobisomem* foi publicado em 1964. Conta as proezas da decadência da aristocracia rural brasileira, representada na figura excêntrica do Coronel Ponciano de Azeredo Furtado. A personagem narradora produto do meio resiste até o último instante a todo tipo de mudança, de transformação, não apenas de sua condição de herdeiro arruinado, mas de toda a sociedade.

O Vendedor de Passados, publicado em 2004, diz pela voz de uma lagartixa que testemunha os movimentos da casa onde mora e, dentre outras coisas, as transações entre um comerciante – alguém que teve passado próspero e hoje, em plena decadência, sobrevive da venda de ‘passados’: espécie de dossiês de linhagens montadas para serem

vendidos aos interessados em obter um condizente com o cargo ou o status ocupado na Angola livre e em busca de auto-afirmação.

Os três romances foram escritos em primeira pessoa. Relatam experiências de vida, cada uma a sua maneira, mostrando a labuta do cotidiano. Por ser em primeira pessoa, cada um dá um tom confessional próprio de quem está ou deve prestar contas.

O saldo é justamente o resultado de uma experiência pessoal que, pelas marcas que trazem, resultam como identitárias – não do autor, de uma época, de um espaço – mas de toda a nação.

Esse ponto é nodal. Ao confessar as experiências diárias, desde as mais simples às mais complexas, na verdade, vão construindo poéticas próprias que trazem no seu âmago a identidade de um país inteiro. São obras abrangentes, carregadas de sinais que identificamos como marcadores de uma cultura. Elas falam mais e melhor a respeito dos valores e da bagagem cultural de um povo do que os compêndios realizados para isto.

António Lobo Antunes relata, numa noite, a vida inteira da personagem narradora. Ou melhor, a personagem se conta na premência da confissão, sem ordenação nenhuma, refletindo um caos mental e emocional que o levou a fragmentação. Ele é um militar convocado a servir em Angola. De volta, quatro anos depois, encontrou dificuldades em reconhecer seu país. Independentemente desse embaraço, ele já trás do exílio uma carga extremamente pesada – o dilaceramento de uma guerra civil onde a personagem narradora não se encaixa. A única urgência agora é por para fora, uma vez em terreno supostamente firme ou, pelo menos das origens, as mazelas que teve de engolir o tempo todo. Não comungava com os ideais ou os princípios norteadores das ações a que foi obrigado a participar, realizar, gerir. Não é a toa que o livro se chama *Os Cus de Judas*. Sentimos esse paradoxo terrível na figura do narrador. Os cus são órgãos dos seres vivos utilizados para eliminar o indesejável, o que não serve mais para nada. Sob o efeito do álcool, a personagem jorra para fora os conflitos, os paradoxos, as contradições, os desacertos, as aberrações da vida. E o faz como a necessidade mais urgente. Seu relato sai como fezes, espelhando o mal estar que sente. Inverte as direções e em vez de sair para baixo, vai saindo pela boca os males, os venenos de uma sociedade que valorizou os bens materiais em detrimento dos valores humanos, espirituais. A questão do Judas é mais simbólica ainda. Ele representa o Cristianismo português, não só a figura da traição se fazendo presente nas ações humanas. É algo mais enraizado, pois traidor é o país que foge aos valores que prega; traidor é o soldado que não se manifesta contra o sistema e vai, no faz de conta, suportando os desmandos que o destino lhe impôs, tornando-se peça chave para a manutenção de uma ordem de que não compartilha, não aceita e repudia profundamente. Especificamente, a personagem se sente um traidor multiplicado. Traiu a si mesmo ao se submeter aos caprichos de uma pátria orientada por ditador insano; traidor em relação à família por abandoná-la à própria sorte; traidor em relação à Colônia por não concordar com as ações da metrópole e não fazer nada contra; traidor dos próprios sonhos e ideais que foram abandonados, permitindo a própria autodestruição.

Nada disso é explícito claramente na narrativa. Dadas às condições em que se encontra a personagem como um demente, vai jogando fora verbalmente, de forma literal, tudo que em forma de experiência e conhecimento absorveu, mas dado o nível de negatividade, o bom se mistura com o mau de tal maneira que o que sai agora é uma miscelânea completamente caótica e impregnada de loucura e mal estar.

Assim, *Os Cus de Judas* tem uma dinâmica surreal que põe a descoberto não os males de uma personagem, mas o cancro português que contamina a alma de todos,

deteriorando o corpus social profundamente. Daí o fato do autor ter colocado no plural o orifício humano que é único, portanto seria usado naturalmente no singular.

Também o fato de dizer ‘de Judas’ e não ‘do Judas’, como normalmente seria dito, dá à expressão um sentido diferenciado, pois ele não vai falar da personagem bíblica e suas particularidades, mas retirar dele a simbologia necessária para as analogias contemporâneas. Portanto, ele está falando de um coletivo, de um mal social que destrói vidas humanas, que impede a democracia, mais ainda, evita a humanização, o crescimento do bem.

Quanto à narrativa propriamente dita, descobrimos que a personagem narradora é um soldado qualificado, não por sua boca, mas pelas diversas ações narradas. Elas nos fazem supor ser ele um médico de um grande hospital improvisado de campanha, como mostra o exemplo:

E eu conferenciava de sanzala em sanzala com a gravidade dos sobas, acorados nos bancos de pele de cabrito destinados aos visitantes de qualidade, distribuía quinino por extensas bichas de paludismos trêmulos, drenava abcessos, desinfetava feridas, fumava liamba, na febre dos batuques, quando homens desorbitados ajoelhavam a vibrar defronte doas corações em pânico dos tambores. (ANTUNES, 2007, p. 141-142)

Todos os dados narrativos confirmam o médico na lida diária. O surreal entra ao falar das próprias ações entrecruzadas com as ações dos atendidos. A intersecção de ações e sentimentos caracteriza a obra de ponta a ponta. É como se ele quisesse sobrepor imagens para dar conta do real. Com isso, ele apresenta leitura em profundidade do cotidiano, não deixando de lado nem sentimento nem significação.

A palavra testemunho – tambores – lembra a milenar e sofrida África com valores e carga cultural próprias. A relação estabelecida pelo narrador é que cria a imagem de dupla função: a febre é física e também emocional. No jogo dos reflexos evidencia o clima de opressão, de sofrimento, de insalubridade não só ambiental e física, mas também mental.

Deixe-me pagar a conta. Não, a sério, deixe-me pagar a conta e tome-me pelo jovem tecnocrata ideal português 79, inteligência tipo Expresso, isto é, mundana, superficial e inofensiva, cultural gênero Cadernos Dom Quixote, ou seja, prolixa, esquisita e fininha, opção política Fox-Trot, Pedras d’El Rei e Casa da Comida, uma gravura de Pomar, uma escultura de Cutileiro e um gramofone de campânula no apartamento, mantendo uma relação emancipada, sinuosa e repleta de curtos-circuitos tempestuosos... (ANTUNES, 2007, p. 73)

Essa frase incompleta, dada à dificuldade de pô-la inteira devido ao tamanho, revela a desarticulação mental, a quantidade de informação e a urgência da personagem que fala como se fosse uma câmera cinematográfica. Pontua tudo que vê sem usar da lógica da língua que tem nível sintático próprio, onde, ao descrever, vai estabelecendo não só uma ordem, mas as ligações necessárias. Aqui não. Ela esta numa casa noturna, altas horas, acompanhada supostamente de uma mulher que, sem dizer uma palavra, funciona como detonadora de um barril de pólvora, de um vulcão, de uma bomba atômica. Tudo vai saindo desordenadamente, na volúpia de dizer, de por para

fora tudo que entrou forjadamente e, com certeza, lhe fez mal e o incomoda de sentir e de pensar.

O fato de dizer para a companheira tomá-lo por ‘um jovem tecnocrata ideal português’ reforça a idéia da crítica social a um país que se transforma rapidamente, na base da cópia, pela dinâmica do desenvolvimento econômico fácil, dentro dos parâmetros da Indústria Cultural de Massa – burra, superficial, exígua, lucrativa para poucos, global – voltada para a aparência, em detrimento da essência humana e de valores.

Outro dado importante a ser discutido é o papel da cultura da/para a personagem. Ela possui cultura clássica substancial e domina também a contemporânea. O que se coloca não é o conflito entre uma e outra, mas o real valor desse patrimônio para a humanidade. A personagem parece presa, sufocada a essa bagagem que não o ajudou nem vai ajudá-lo a ser mais ágil e, principalmente, mais realizado, mais feliz. Ela lhe serve de prisão como numa cena do filme *Um Cão Andaluz*, de Buñuel. Nele, a personagem central quer sair de casa para realizar seu intento amoroso, mas se vê impedido, pois tem preso aos ombros uma rede com todos os objetos que fazem parte da sua cultura doméstica, familiar, burguesa. Com tudo que tem dentro é impossível sair do apartamento onde mora. Diante de tamanha dificuldade ele permanece, mas permanece mais infeliz e irrealizado. Parece ser o caso da personagem narradora de *Os Cus de Judas*. Ela até ostenta a bagagem cultural, mas o faz com o desdém ou a desarticulação de quem tem consciência da inutilidade da mesma. Ao mesmo tempo em que revela ser a cultura um peso, um obstáculo à realização pessoal, também a vê como entulho social, impedindo o relacionamento humano, o exercício da liberdade, levando o mundo à fragmentação, à divisão, à deterioração, à beira do Apocalipse.

Poderíamos falar de outros fatores importantes para o perfil identitário português revelado pela ótica de António Lobo Antunes, especificamente em *Os Cus de Judas*, mas o espaço que temos não nos permite.

Vamos agora ao estudo de *O Coronel e o Lobisomem*, de José Cândido de Carvalho.

O romance é um relato linear, completamente oposto ao *Os Cus de Judas*. O narrador, Coronel Ponciano de Azeredo Furtado, conta a própria vida numa ordem cronológica tradicional, conservadora, obedecendo ao fluir da existência de forma ordenada, comportada. A maneira de dizer, as extravagâncias na forma de contar é que fazem a diferença em José Cândido de Carvalho. Ele utiliza com habilidade um discurso culto e antigo conjugado com o popular e contemporâneo. Na maneira especialíssima de relatar os fatos é que vamos descobrindo a identidade, o perfil da aristocracia rural brasileira, em plena decadência econômica e ética. Ela cai, mas cai de pé. Não sentimos em nenhum momento a crise instaurada. Tudo é passado com grande dose de humor e pela visão peculiar da personagem. Na sua ótica mundana tudo tem uma solução, um jeito reparador, sempre pela valentia, pela coragem. Na verdade, dada a consciência do status que ocupa na sociedade, acha-se invulnerável a todo tipo de degradação e decadência. Ele se percebe como um ser incólume, inatingível a certas mazelas, as próprias das classes inferiores. Como ele está distante dessa ‘gente miúda’, nada lhe acontecerá. É a própria decadência e não se enxerga como tal. A personagem vive mergulhada em alienação profunda e dessa forma é feliz. Ela não sente e parece não se dar conta de que o mundo já desabou a sua volta, mas persiste com seu palavreiro empafiado e desafiador, como se nada estivesse acontecendo. As poucas vezes em que o abatimento o atinge, é por causa dos reveses afetivos: o falecimento do avô, os desentendimentos com o amigo Nogueira, o casamento da prima e a impossibilidade de ficar com ela. Dentro do perfil otimista da personagem, as pequenas abstrações o

satisfazem – a amizade da prima, as vitórias do galo Vermelhinho nas rinhas, o canto do sabiá-laranjeira, o respeito que sua patente provoca, principalmente no ‘povinho miúdo’. Enlevado nos pequenos rapapés chega ao momento extremo de ficar sem nada: sem amigos, sem parentes, sem serviçais, sem dinheiro, sem terras, sem o gado, sem a própria casa. Em vez de entrar em prostração profunda, cai numa espécie de alucinação e vai cavalcando em sua mulinha de guerra para um lugar onde é possível ouvir o canto da sereia e acabar com o lobisomem. Ou seja, mesmo atolado em todo tipo de mazela, traição e desgraça, não se deixa abater. Continua otimista e bem humorado, passando incólume por todo tipo de negatividade, saindo sempre para o lado direito da vida, imaginando o melhor e vivendo dele.

Começa o romance se apresentando nestes termos:

A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com os padres-mestres a dez tostões por mês. (CARVALHO, 1978, p. 3)

A empáfia é o primeiro traço da personalidade da personagem. Tudo a seu respeito toma vulto diferente, torna-se grandioso, vistoso, importante.

O segundo traço é uma espécie de bengala da aristocracia rural brasileira – a patente ou o título de nobreza conseguido pela força do dinheiro e que Ponciano faz questão de alardear que a sua não veio de favor de governo, mas por ‘direito de valentia.’

Terceiro, receber herança abundante sem fazer nenhum esforço para isto.

Quarto, possuir instrução básica mediana, adquirida pelas mãos dos religiosos que, no Brasil, colonial tiveram importância ímpar na formação de brasileiros abastados. O tom de desprezo empregado ao referir-se ao valor pago pelo estudo evidencia a soberba da personagem em relação a aqueles que sabiam mais do que ele. Por outro lado, revela a ausência de escolas públicas, à época.

“Homem que é homem duas coisas de principal deve ter: barba grande e voz grossa. O charuto é para espantar o povinho dos empréstimos, que é a pior raça já existida no mundo.” (CARVALHO, 1978, s/p)

Pelo fragmento podemos ver que ter aparência é o que basta. A personagem é tão vazia e, ao mesmo tempo, tão cheia de si, que vai deixando transparecer seus valores, seus conceitos de vida e, conseqüentemente, também os traços da personalidade. A barba grande e a voz grossa são apenas recursos para impor respeito com o estereótipo, sem fazer esforço algum. O tom picaresco impregna tudo, desde os fatos e ações até a simples aparência. Ele próprio constrói a figura do pícaro. De novo coloca a questão do dinheiro. Ostentar resulta em amolações como esta. Mostrando que tem dinheiro saindo pela culatra, Ponciano arruma uma defesa: fumar charuto. No entanto, à época, era outra forma de ostentação. Numa sociedade desigual e injusta, esse tipo atrai interessados em tirar proveito e necessitados em busca de uma tábua de salvação. O dado sugere também a prática da agiotagem que mesmo ilegal, é largamente utilizada no Brasil.

Agora lhe digo uma coisa: Não é qualquer um comedor de farinha que pode lidar com lobisomem, bicho de muita astúcia no atacado e no varejo. Já se deu até o caso de um lobisomem ser

coletor federal e outro mestre de letras em Campos dos Goitacases. (CARVALHO, 1978, s/p)

A presença do folclore é forte no romance, pois ao unir o erudito com o popular, não podia deixar de lado as crenças e valores do povo. A questão do lobisomem tão presente no livro e até no nome do mesmo, tem a ver com os ressentimentos de Ponciano. Ao se qualificar como o melhor caçador de onça e de lobisomem, num primeiro momento, revela aspectos já abordados da personalidade da personagem, como a coragem, a esperteza, a habilidade, a pontaria e todas as qualidades de um valentão. No entanto, a gana com que ele fala do lobisomem, ao mesmo tempo o identificando com pessoas da sociedade, nos leva a pesquisar o que é ou quem pode ser o lobisomem. Porque aparece em noite de lua cheia? Há muitos índices a respeito dessa figura nas crenças populares. A narrativa e o fragmento evidenciam que seres humanos se transformam em lobisomem em noite de lua cheia. Na verdade, lobisomem é o homem da sociedade patriarcal que tem relacionamento amoroso fora de casa, com encontros fortuitos, geralmente à noite, para não ser reconhecido. Os encontros acontecem aleatoriamente, mas em noite de lua cheia a visibilidade é quase total, então eles aparecem ou se transformam. Ou seja, são reconhecidos mais facilmente por terceiros, mas o acordo de cavalheiros não permite a revelação do caso e é preservada a identidade da dama envolvida. Ao dizer que alguém vira lobisomem, já está confessando o relacionamento camuflado, não aceito pela sociedade e nem revelado por inteiro. Há um tabu aí. O máximo permitido é dizer que um homem vira lobisomem.

E Ponciano, com toda a sua empáfia e valentia, na verdade nunca estabeleceu relacionamento de verdade com uma dama da sociedade. Há o envolvimento dele com a prima casada, mas é um envolvimento unilateral, pois ela só está interessada no seu dinheiro e na possibilidade de usufruir dos seus recursos. Assim, ele não consegue ser um lobisomem e tem muita raiva de quem consegue ser.

“Vai ventar muito vento e chorar muita chuva até que venha outra pessoinha como meu galo Vermelhinho. Mais alto do que as nuvens do céu subia sua coragem”. (CARVALHO, 1978, s/p)

As rinhas de galo parece ser um dos tipos de lazer mais arraigado nos costumes brasileiros. Ponciano, para valorizar o que é seu, tem um galo garnisé chamado Vermelhinho. Sabemos que sua pequena estatura não é apropriada às rinhas, que para isso tem o china, raça própria e criada para a luta, por seu tamanho avantajado, pernas alongadas e esporas afiadas. No entanto, para ressaltar a coragem do Vermelhinho e provar que ela é mesmo mais alta do que as nuvens, Ponciano realiza rinhas entre o garnisé e o galo china dos adversários. E, infalivelmente, o galinho ganha.

“Sei apreciar um par de platibandas de donzela militante. Nas casas de porta aberta, de meninas desonestas, eu pinte o bode. Deixava em gaveta de sete chaves a patente e caia de barba na farreagem de cama e travesseiro.” (CARVALHO, 1978, s/p)

O problema da prostituição, tão arraigado na sociedade brasileira, não podia ficar de fora dos traços de identidade da personagem em estudo. O fato de ele freqüentar “casas de porta aberta”, vulgo prostíbulo, significa que ele tem ética dúbia, machista, unilateral. Pois quer acabar com o lobisomem e, ao mesmo tempo freqüenta as casas de prostituição. Onde é que fica a lógica desse comportamento? Fica nas raízes do patriarcado brasileiro, onde os homens podem tudo e as mulheres não podem nada. Veja bem, quando ele persegue o lobisomem é com o intuito de preservar as mulheres de família, dos lares constituídos, mas as prostitutas são sempre de origem humilde, sem eira nem beira, portanto podem servi-lo.

Dizem que fiquei pobre, que voltei para minha invernada do Sobradinho sem vintém no bolso. Mentira maior não pode ter existido. Vejam isso, senhores. Quem tem, como eu tenho, um sabiá-laranjeira, mestre das maiores cantorias, nunca que será pobre de jó. Será sempre o maior ricão do mundo. (CARVALHO, 1978, s/p)

Misto de apego e desprendimento, de malícia e ingenuidade, de safadeza e moralidade, de coragem e covardia, e de todas as outras contradições possíveis mais a de sonhador: este é o traço mais marcante da personalidade em estudo.

O romance *O Vendedor de Passados* representa alguns aspectos da África contemporânea. Ele fala da Angola livre e trabalhando com afinco pela auto-afirmação de seu povo. Como sabemos, o país sofreu forte influência européia, dada a proximidade e as interferências políticas. O romance escrito em primeira pessoa e por uma lagartixa, é dado de extrema ironia e crítica ao sistema vigente. Na luta pela independência, o país tornou-se socialista ferrenho e conseguiu com isto unir o povo em torno do ideal comum pela liberdade: tornar Angola livre de Portugal. Uma vez realizado o intento, o mundo começou a mudar novamente. Os compatriotas, principalmente aqueles que estão no poder, tornaram-se capitalista pela força das circunstâncias. Uma vez capitalista, precisam ter comportamento, postura, estrutura, perfil, enfim, devem sê-lo de fato. Mas para isso faltam muitas coisas. Na verdade, a defasagem é grande. Eles precisam de tudo, mas na urgência do momento, querem ser constituídos como qualquer cidadão do mundo. E qual é o maior problema para eles? É ter uma ascendência compatível com o cargo que ocupam. Aqui tomamos o Príncipe, de Maquiavel: lá diz que o Monarca constituído pelas leis de Deus e dos homens, precisa ter o mínimo de condições para estabelecer, ou seja, ter ascendência nobre, ter lastro. Aqui entra a história do romance: Félix Ventura, um albino (e há ironia forte nesse fato) é o vendedor de passados. O que isso significa? Significa que ele compõe dossiês devidamente documentados, fruto de pesquisa minuciosa, a partir dos anseios dos que o procura, para vendê-los aos interessados. E quem são os compradores? São os altos funcionários da administração pública. Cada cidadão bem estabelecido e com futuro garantido pelo trabalho que exerce, precisa de um passado à altura do cargo que ocupa para se sentir seguro e confortável. Das quase duzentas páginas, com trinta e dois capítulos do livro, seis são sonhos numerados, colocados aparentemente em qualquer lugar e que fogem completamente ao roteiro da história. Esta estrutura, por si mesma, já é um traço de identidade. Ou seja, sonhar é possível, mas o sonho nem sempre tem a ver com a realidade próxima e vivida pelas personagens. Quase sempre eles se referem à cidade ou sociedade desconhecida, distante. Eles, os sonhos, acabam sendo a marca registrada desse povo sofrido e necessitando se estabelecer plenamente.

O primeiro sonho, segundo a personagem narradora, aconteceu três vezes, diz entre outras coisas, o seguinte:

Atravesso as ruas de uma cidade alheia esgueirando-me por entre a multidão. Passam por mim pessoas de todas as raças, de todas as crenças e de todos os sexos (durante muito tempo julguei que só houvesse dois). Homens de negro, óculos escuro, segurando pastas. Monges budistas, rindo muito, alegres como laranjas. Mulheres diáfanas. Gordas matronas com carrinhos de compras. (AGUALUSA, 2004, p. 31)

Podemos ver que a personagem sonha estar em lugar estrangeiro, numa metrópole européia talvez, pois fala em “cidade alheia”. Mas as características marcantes são as do capitalismo: a presença da multidão; de roças, crenças e sexos diferentes; de homens de negócio; referência às compras; polícia; ladrões etc. Há referência no mesmo capítulo, a uma outra vida (“Na minha outra vida, quando tinha forma humana...”)(AGUALUSA, 2004, p. 31) é como se ela tivesse sido rebaixada à condição de animal rastejante. No segundo sonho, curiosamente, diz: “os meus sonhos são, quase sempre, mais verossímeis que a realidade”(AGUALUSA, 2004, p. 50). A necessidade e a crença voltadas para o mesmo objetivo fazem com que o sonho se transfigure em realidade. Nele também a personagem narradora tem forma humana. Embora pareça se passar no mesmo espaço da história, ele não apresenta lógica suficiente para pertencer ao cotidiano da narrativa. Acontece no plano do onírico e vem reforçar a idéia de que não estão preparados para enfrentar a realidade nova. O sonho é o caminho da sobrevivência. Uma maneira de fugir da vida real crua e nua.

O terceiro sonho vai para a mesma direção:

Sonhei que tomava chá com Felix Ventura. Tomávamos chá, comíamos torradas e conversávamos. Sucedia isto num salão amplo, ao estilo art nouveau, com as paredes cobertas com austeros espelhos emoldurados a jacarandá. (AGUALUSA, 2004, p. 73)

Com poucos dados podemos situar a casa de chá na Europa, na França ou Inglaterra talvez. A riqueza e austeridade são, de qualquer maneira, formas de ostentação. O costume de tomar chá com torradas, próprio dos lugares frios, confirma a indicação da cena ser em terra estrangeira. Na seqüência do capítulo, brinca com a idéia de inventar personagens. No fundo, de forma surreal, está falando da incorporação da descendência “comprada”. Diz ele: “A mim parece-me uma metamorfose... Uma reencarnação. Ou antes: uma possessão.” (AGUALUSA, 2004, p. 73). De qualquer forma, é uma crítica acirrada em relação à criação artificial e inverídica de uma família que existiu em outro lugar, com costumes, valores, crenças, educação, profissão, princípios completamente estranhos ao fulano que vai assumi-la. A falta de dados de ligação transforma a situação num quadro surrealista. Mesmo porque, todos os dossiês são feitos de personalidades estrangeiras, possuindo uma cultura que está longe de se parecer com da Angola colonizada.

Na seqüência do capítulo, no sonho, entra a história de um escritor de sucesso, que fez carreira no exterior falando da miséria nacional. Conta a apresentação do novo romance e abordam a questão da mentira e da verdade na Literatura. Este é um assunto bastante freqüente a respeito da produção literária. Inclusive, a relação entre Literatura e História, recai nesse questionamento. Mas todos são unânimes em afirmar que a Literatura, embora sendo ficção, fruto da imaginação humana, dá mais conta da realidade em que vive do que os compêndios de História.

O quarto sonho, entre outras coisas, traz a fala de Félix Ventura dizendo: “— Sou um homem sem cor — e, como você sabe, a natureza tem horror ao vazio.” (AGUALUSA, 2004, p. 85)

A questão da essência e da aparência, da mentira e da verdade, da presença e da ausência é colocada em pauta nesse mundo de sonho e questionamentos existenciais. Remete, inclusive, ao ser-com de Heidegger, onde ele afirma que a existência humana está condicionada e só é possível no ser-com os outros. Sozinho ninguém pode ser, ter

uma identidade própria, real, plena. A consciência de que existimos vem dos outros, da relação humana.

O quinto sonho continua com a mesma temática, embora o sonho seja outro e a situação também. As personagens estão dentro de um trem confortável, jogando xadrez.

— Finalmente. Disse, — há vários dias que sonhava com isso. Queria vê-lo. Queria saber como era você.

— Acha então que esta conversa é real?

— A conversa, certamente, as circunstância é que carecem de substância. Há verdade, ainda que não haja verossimilhança, em tudo o que um homem sonha. Uma goiabeira em flor, por exemplo, perdida algures entre as páginas de um bom romance, pode alegrar com o seu perfume fictício vários salões concretos.” (AGUALUSA, 2004, p. 131)

Neste sonho fica mais claro para o leitor reconhecer que há duas narrativas na mesma obra. Os sonhos formam um corpus e os capítulos outro. Eles dialogam entre si o tempo todo, mas só agora, a partir da página 131, é que enxergamos o processo com segurança. O aspecto dialógico recai sobre as questões literárias, do mundo da ficção e da palavra. Principalmente a respeito do poder das mesmas e sobre a vida que permeia fatos, experiências, personagens, sentimentos e significações e até que ponto uma invenção pode se tornar real. O imaginário humano é carregado de significados importantes e precisam ser representados.

A discussão merece leitura mais atenta, mas nosso objetivo aqui é outro. No entanto, reforçamos o valor da criação poética como espelho da identidade de um povo. Se a poética está sendo colocada em pauta é porque ela é importante e deve estar no contexto da cultura de um país.

O sexto sonho é a chave de tudo. Nele as duas narrativas se encontram. Por incrível que pareça, é o único capítulo do conjunto de sonhos ambientado numa paisagem tipicamente africana. Citando:

Parecia ter sido posto ali para lembrar que aquilo era apenas um sonho. Pura ficção. Galinhas ciscam em meio ao barro vermelho e ao capim muito verde, arrastando atrás ninhadas de pintos. José Buchmann abriu para mim um límpido sorriso de vitória.

— Seja bem-vindo ao meu humilde sobado. (AGUALUSA, 2004, p. 189)

O trânsito entre ficção e realidade é constante. Inclusive para por em pauta a busca da identidade: ser africano, ser português ou ser cidadão do mundo?

Quando a personagem, que é pura ficção, se torna real, a metamorfose se dá em terras africanas, num sobado, ou seja, numa casa típica das tribos locais. E o que ele quer dizer com isto? Possivelmente que deixem de sonhar e privilegiar o estrangeiro e que olhem para o próprio chão. Lá está a verdadeira realidade, a sua identidade.

Sintomaticamente termina o romance dizendo no último capítulo que Félix Ventura começa a escrever um diário. A verdade é que aqui começa o romance.

Tivemos oportunidade de fazer leitura de três obras com países, autores e datas diferentes. Todas são memórias, preocupadas em registrar seus relatos por

necessidade confessional. No entanto, ao fazê-lo, evidenciam perfis identitários bem diferentes embora se utilizem da mesma língua e tenham laços históricos comuns.

Quando colocamos Portugal representando o topo da pirâmide dessa relação é pelo fato de ser ele a metrópole em relação aos outros países. Ele exerceu o poder hegemônico sobre os outros. Mas hoje, numa relação completamente diferente, cada um tomou seu rumo e apresenta aspectos próprios, com características diversificadas e já expressando traços de identidade bem marcados, mesmo que com resquícios da velha metrópole.

As três identidades, as enxergamos assim:

O português, ainda sonha com a monarquia ao se deparar com a sociedade da Indústria Cultural e do Capitalismo selvagem, fragmentou-se de tal forma que parece ter perdido completamente a identidade.

O brasileiro, devido às facilidades garantidas por leis, pela abundância de recursos, pelo jeitinho próprio de fazer as coisas, pela terra farta e generosa tornou-se um alienado, um pé-na-lua, vazio e superficial, mas alegre, otimista, esperançoso, achando que a vida não é um beco sem saída.

O africano, deparando-se livre e vazio, busca ansiosamente a auto-afirmação e ao fazê-lo quase perde o pouco do que restou da relação com o estrangeiro. Mas pelo imaginário, dá a volta por cima e coloca os pés no chão. Reconhece que é voltando-se para si mesmo que é possível libertar-se definitivamente das presas estrangeiras e voltar a ser ele mesmo.

Assim, a pirâmide vira sua posição e temos um prisma, onde Brasil e Angola estão no ápice e Portugal na base.

Referências Bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. O Vendedor de Passados. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
ANTUNES, António Lobo. Os Cus de Judas. – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
BERGSON, Henri. Matéria e Memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
CARVALHO, José Cândido. O Coronel e o Lobisomem. – 25ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.